

As ultimas cinzas dos Liebman

Nesta manhã de inverno, tristonha e humida (tão fria que até os pardais que me acordam todas as manhãs, com suas chilreadas infantis, quedaram, hoje, silenciosos e quietos) deu-me uma súbita, misteriosa vontade de visitar o meu velho amigo Jorge Liebman.

Meti-me num carro de praça, que rodou, lentamente, por entre árvores tristes, e casas fechadas, até à residência do meu amigo — uma pequena casa da rua do Aqueduto, em Santa Teresa, bairro deliciosamente tranquillo, que parece ter sido feito para sábios e para monges. E, enquanto a criada ia levar o meu cartão, eu me deixei ficar, naquela pequenina告jetá de espera, tão honesta e limpa como a consciência de um homem de bem, a revolver, na memória, umas velhas coisas que lá estavam guardadas e que diziam respeito às minhas relações com o Jorge. Conhecera-o na Bahia, onde ele estudava medicina e ganhara fama de exquisito por nunca ir às festas de Junho na casa do Melkiodeo Berrimor — um homem que dava, naquelle alegro mes de São João, trinta bailes na sua casa — um por dia... Jorge Liebman, descendente de austriacos

por parte do pao. tinha, naquelle epoca, uma bella cabeça de ephebo ombs alvejava uma cabelleira loura e sedosa. Os seus grandes olhos azuis de um azul forte e limpo, com scintillações de aço brunito attraçavam, com ingenuo espanto, nas trocas e esturdianas ruidosas dos estudantes. Quando "calouro" soffreu, impaxsivel, como um martyr, as provas rudes dos "trotas". Passou pela cida-de, com os outros neophytes, de pôstos pelo avesso e empunhando, em triumpho, uma enorme folha de bananeira. Depois, já "veterano" e com o sagrado direito de dar "trotas", dispensou, magnanimo, esse supremo attributo do estudante, e foi assim, com exquicias sensações, que fez todo o curso medico, lastreando o diploma com uma serie ininterrupta de distincções. Os lentes tinham-no em grande conta, o proprio Afonso de Carvalho, mestre que sempre fôr avaro de elogios, prognosticou-lhe "*um bello futuro em medicina*". Conquistado o diploma, a turma daquelle anno, como as outras, fraccionou-se para nunca mais se reunir. Uns voltaram à terra natal, outros tomaram o rumo do sul, atraídos pelo sonho de uma fortuna rápida, outros deixaram-se ficar na velha estade universitaria, farejando um concurso para lente da Faculdade. Durante longos annos não tive notícia de Jorge Leibman ate que, um dia, lendo uma correspondência da Alemanha, deparei o nome do antigo condiscípulo entre os estranhos illustres de passagem naquelle paiz. O medico brasileiro (que devia contar nessa epoca, perto de 40 annos) fizera na Universidade de Turingen, uma conferencia

sobre "Darwin e a evolução das espécies", considerada, naquelle grande centro científico, como uma lição de mestre no debatido capítulo do evolucionismo. Um dia, soube que Liebman estava no Rio, e fui encontrá-lo num hotel do Flamengo, precocemente velho, calvo e triste, mas com o olhar mais azul e mais claro do que nunca.

Revivia, ainda, o grande abraço que lhe dera naquella noite, no Flamengo, (abraço em que iam todas as recordações amaveis daquela longínqua mochila dos tempos académicos) quando uma porta se abriu, e uns longos braços carinhosos me envolveram, todo, num alvoroco carinhoso.

— Até que enfim tiveste pena da minha solidão — disse Jorge, afastando-se um pouco, e olhando-me de alto a baixo como se duvidara que fossa eu mesmo — o sublito a esta Thebaldu ebola de morcegos e de alienies... E num dia de chuva impertinente! Sim, senhor: é uma grande prova de amizade...

Fixámos, ambos, que o coração falasse, nas expansões singelas do afecto. Depois de um calice de licor que nos aqueceu e nos fez bem — como uma bênção, entramos a recordar as boas coisas do outro tempo, entre suspiros ou entre risadas. Jorge estava velho, terrivelmente velho, com a sua cabeça esgalada, e limpia de fios como uma torba battida, dia e noite, pelo mar. Estranhel-lhe a calvície medonha. Não era nada, informou o amigo, passando a mão direita pelo crânio liso — tinha sido uma experiência que fizera, uma formula de pilicarplina para revigorar o crânio cabelludo. «E o crânio, precisamente, declarou de ser

cadrilho, de uma vez para todos..." El riu com a indiferença do homem de setenta, que sacrificou um ornamento natural na ansia de descobrir alguma causa nova, um ilogismo definitivo... De resto, vivia só com os seus livros, o seu microscópio e os seus provetes, vestindo as roupas que lhe davam uma velha senhora no País, que o pae lhe deixara. Poderia a mãe dala annos depois de formada, e a sua familia saíra uma branca casal, com um alemão - que morava em São Lourenço num gato preto, um formoso gato preto que viajara com elle na Europa, sempre muito discreto e muito bem posto diante de visitas... Tinha uma velha crenda que tomava conta da casa, e lhe prezava os batões na roupa, quando elles se levavam de cair. Era uma excepiente preta, que lhe servira a sua familia, e cujo pae fôra escravo mesmo depois de 88 (porque jamais quizera abandonar a familia a quem pertencia). O gato e a preta eram toda a sua familia "sensível", porque (e elle me contou com um brilho de lágrimas nos olhos), uma noite em que, devolte de um acceso de nervos, desmediu a criada, não pôde dormir, e chorava como uma criança até que ella, também trazida nela saudade, veio bater à porta de mãos postas, como uma penitente. Tudo fôra por causa de um misero líquido escuro que ella despejara na sia, nem saber o que era uma cultura de microbios conseguida devolte de varios dias de trabalho, com observações lentas ao microscópio, e horas intermináveis deante da estufa, com o olhar vigilante no thermometro do apparelho. Mas depois resolvaram nunca mais separar-se a ella, que envolvia aos 28 annos, jurara "pela alma" do finado como não mais separar-se a ella, que envolvia aos 29 annos, jurara "pela alma" do finado como não deixaria nunca o sônho moço.

Enquanto historiava a sua ingenua e simples vida doméstica, Jorge Liebman tin-
duzira ao pavimento superior, onde ficava
o seu laboratório e gabinete de estudos. Era a
melhor sala da casa — uma sala ampla, que
dava para a encosta da montanha, da onde se
avistava grande parte da cidade; a Avenida do
Mangue, com o seu renque duplo de palmeiras,
o viaducto da estrada de ferro, São Christovão,
o gazometro, o chaminé esguia da fabrica,
que eram pontos negros perdidos na bruma da
distancia. A'quella hora, e com o dia chuvi-
so, o panorama estava dissolvido na nevoa
envolvente, e era tudo, ao longe, confuso e
disperso como ébatos de idéas numa memória
cansada...

O gabinete de Jorge Liebman era um ar-
senal de apparelhos, de vasos de vidro, de bu-
lhas, de lauminas, de pincas, que se mistura-
vam com livros entre-abertos, marcados com
fitas de cires onde se liam indicações in-
scritas. Devia haver uma fortuna naquelles
microscópio, e matrizes de vidro, cubas de alu-
minio e de porcelana, pipetas e matérias ou-
tras para pesquisas químicas e biológicas. Até
um polarímetro lá estava, novo e brilhante com
o seu metal espelhante e limpo. A estufa, que
ele abriu para me mostrar os tubos de en-
saio, com as culturas microbianas, era de
fabricação alkemil, e do modelo mais recente.
Nada faltava àquele gabinete particular, onde
escorria, lentamente, a vida de um homem es-
quecido da sociedade, das festas, das alegrias
da vida de família, e até do amor, desse grande
e poderoso Amor a quem tantas vidas se ti-

nnam sacrificado em todas as paginas magnificas da Historia... Parecia incrivel que assim se isolasse e desprezasse uma Vida, toda entregue à Scienzia, amante, clumenta como todas as amantes, e de um exclusivismo intranqüiloso p' feroz. Lembrei-me do ultimo Carnaval em que eu me diverti tanto, com outros amigos, em bailes sumptuosos, e entre moças lindamente fantasadas, e de tantas festas que viram nos ultimos annos, enquanto aquelle homem, aquelle sabio, que ainda não se podia considerar velho, se encrusava fortemente, barbaramente, no segundo andar de uma pobre casa em Santa Teresa, entre livros silenciosos, e ferozes culturas de bacilos e de vibriões. Fenti, no mais profundo do ser, uma revolta que crescia, e se avolumava como uma enchente, contra aquello suicidio lento, aquello cruel desperdício de uma existencia que ainda podia florir de alegrias e de afecções. E foi num tom de quasi censura, meio aspero e meio carinhoso, que interpelei, de subito, o amigo sabio:

Mas afinal Jorge, para que servem tantes apparelhos e tantos livros se aqui acabas tristemente a vida, sem conforto e sem alegria longe dos teus amigos e da tua irmã, o unico resto da familia que te resta? Valerá a pena sacrificar tantos annos de mocidade, e fortuna, e alegrias ingenuas do coração para no fim de tudo, ser ouvido, com respeito, por metade duzia de sabios neurasthenicos, numa velha universidade da Allemanha? Não teria sido, em verdade, infinitamente melhor que tivesses cuidado de fazer clinica, como os outros collegas, e te casasses aos 25 annos, com uma mo-

ça bona e honesta que te desse as incomparáveis alegrias do lar e dos filhos? Ainda que tivesses feito grandes descobertas e criasses um novo meio de cultura para o bacillo da peste, valeria isso o sacrificio da tua ventura pessoal, da tua felicidade intima, do teu conforto, physical e moral. emsím? Francamente, meu querido Jorge, eu não sei onde está a tua vida! ...

Jorge sorriu, de um modo estranho e triste, que me fez mal, e, avançando, sem dizer palavra, para um dos armários de vidro que cava as paredes (chvetos de frascos e de substancias chimicas), abri-o com um gesto brusco, epanhou uma grande caixa de madeira em que eu ainda não tinha reparado, e trouxe-a na mão, como se fosse a resposta vitoriosa às minhas censuras amigas. Collocou-a em cima da mesa, e dando a volta a uma pequenina chave de ouro que a fechava, levantou a tampa, que se desprendeu sem ruído, nas molas suaves que faziam girar.

Eis aqui a minha familia, a minha vida.

Relanceei um olhar à caixa, onde vi, sobre coxins de veludo, pequenos direcos de tartaruga que pareciam brinquedos de criança, e depois fiz-lhe, surpresto, a pedir, mudamente, que me explicasse aquelle mysterio.

Aqui está toda a minha familia, e ella tem, aqui, o melhor fratino que poda ter a familia de um homem de sciencia. Esta caixinha que aqui vês (abriu-me uma das tres caixas de tartaruga e mostrou-me um grupo de pó acidentado, finissimo, que elle tomou entre os dedos e fez esfarinhar, lentamente) contém o resto das cinzas do meu tio, o qui-

na Alemanha e era comerciante. Quando ia estiver pedi licença ás autoridades locaes, e incinerai-lhe o cadaver que deu a media normal de phosphatos, chloruretos e saos de calcio e ferro que os livros consignam. Esta outra caixa é a do meu irmão Ludolf, que morreu, como sabes, no Pará, com doze annos de idade.

Fui a Boilem, e incinerei-lhe o corpo, que estava reduzido aos ossos, e a alguns restos de cabellos (não imaginas como eram lindos os cabellos do meu irmão!) E, assim, consegui reduzir, literalmente, a cinzas toda a minha familia, e com os saos que della isolei, durante varios annos de estudos consegui estabelecer as linhas exactas de uma grande theoria chimica que chamei a da "proporcionalidade dos phosphatos na evoluçao e hereditade da inteligencia nas famillas humanas". Vim a seguir, por esse metodo, todo o desenvolvimento intellectual dos Leibnian desde o nosso blauvô, que foi burgomestre em Eldem, até o meu pequeno Irindo que morreu no Pará. Imagina, agora, a importancia quo terá esse metodo applicado à familia dos Pasteur, dos Pascal, dos Caudé Bernard, dos Renan, dos Victor Hugo, dos Goethe, dos Shakespeare, dos Liszt, dos Beethoven, de todos os genios, da sciencia ou da arte, que maravilharam o mundo com as suas descobertas ou, com os seus versos, os seus quadros, ou as suas operas! O nascimento dos genios, que era incerto e inesperado como os cataclysmos, poderá, de agora por diante ser anunciado, de antemão, como se annunciam o tempo mau e o tempo bom.

com os cálculos dos observatórios meteorológicos. Amanhã, um jornal poderá dizer em letras garrafais: "Vão nascer este" anno, na família dos Paulos e Souza um grande gênio da música". E quando a família dos Paulos e Souza acusar mais um recém-nascido haverá, em volta delle a emoção nacional, attenta e carinhosa! Também (e é este o lado triste da minha descoberta!), a dosagem do phosphoro na cinza dos calaveres humanos mostrará, quando a curva arithmetica descer muito, a decadência das famílias. Olha: foi por isso que não me casei... O estudo comparado das cinzas de meus ascendentes revelou-me que a raça dos Liebman está em humilhante decadência mental. Estamos potres de phosphoro, nitro caro, pauperrimos de phosphoro! Repugnava-me, como homem de ciencia, continuar um corpo que a mais e mais empobrecia de intelligencia. O meu pobre irmão Ludolf, se não morreu cedo, seria, fatalmente, um cretino, um pobre imbecil. Por isso sufoquei, em mini, qualquer veleidade amorosa... pelo bem da Raça, pelos interesses superiores da Especie! Um homem não tem direito de prolongar uma família que degenera, que involue... E aqui estão as cinzas da minha ex-nóiva. Lembras-te? Era aquella Lisbeth, de grandes olhos negros, que morava defronte da nossa "república" na Bahia, na rua do Carmo... Era linda, e eu não pude esquecê-la durante varios annos, mesmo na Alemanha, quando lá estive, logo depois de formado. Afinal, cansou-se de mim esperar, quando voltei à Bahia, soube que tinha morrido de typho. Pobre Lisbeth! Uma noite, roubei-lhe o cadáver, e incinerei-

o, sentindo o inferno no coração. Vê o que resta do meu primeiro amor!

Jorge, que eu pôde surpreender e indignado, deixara fechar aberto uma das caixas que tinha na tampa uma brasão com finamente desenhados. Era um pouco de jô, como os outros, mas cheirava deliciosamente a verbena.

— A tua noiva cheirava bem — disse eu, enfurecendo-me por graciar, por entre as ideias fúnebres que me fechavam o cérebro num círculo de ferro.

— Fui eu que lhe resergi as cinzas com verbena. Era o perfume da, que ella trazava...

Reparei em duas caixas, diferentes das outras, e que tinham incrustações de ouro com iniciais em monogramma. Seria outras noivas sacrificadas àquele método estupido? Ia tocar-lhe quando senti que a mão direita de Jorge se apoiou fortemente, no meu braço.

— Que é isso, Jorge? cinzas misteriosas nesta caixa? Ou...

Não me deixou concluir, e arrastando-me para junto das janelas, disse-me, subitamente tomado de commoção:

— São cinzas do meu pais. Nunca lhes mexi, acredita!

Li perguntar-lhe se não dormira, também ao velho Liebman, os phosphatos e os saquinhos de calcio quando notou que elle se tornara horrivelmente palido, e que levava a mão ao peito com as entremes sentindo uma agonia apática. Rapidamente, amparei-o nos meus braços, e levei para uma chaise-longue

lira de todo, e pela sua fronte escorria um suor frio e viscoso. Enquanto lho desesperava a roupa e preparava para dar-lhe uma injeção de urgência, toquel a campainha para chamar a criada. Ela acudiu em alguns segundos. Quando viu o amo naquele estado, começou a chorar, num desespero:

— "Tá" com o ataque, de novo! Colado de sinhô moço! Não deixe elle morrer, branco!

Perguntei se costumava ter aqueles acessos.

— Muitas vezes, sempre que abre aquella caixa! Aquillo ha de sê feitizo, credo! Espera ahii!

E antes que eu tivesse tempo de intervir, de um salto apanhou a caixa de cincas, cada-vericas e lançou pela janela fôra, num gesto largo e ousado de quem salva uma casa em chamas. A caixa de ebano rolou no abysso, por algum momento pairaram, no ar, espatuladas e tenuas, as chamas dispersas dos Liebman.

Berlio Neves.